

ETEC PROFESSOR JOSÉ CARLOS SENO JÚNIOR

PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO – DESENVOLVIMENTO DE
SISTEMAS

LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E COMUNICAÇÃO PROFISSIONAL

GABRIEL DE SOUZA SANTOS

GUILHERME HENRIQUE DAROZ

LUÍS ARTUR FAUSTINONI RIBEIRO

PEDRO LUCAS APARECIDO SILVA

Poema “Ao Santíssimo Sacramento”, de Padre José de Anchieta

Olímpia

2022

1. POEMA



Ao Santíssimo Sacramento

José de Anchieta

Oh que pão, oh que comida,
Oh que divino manjar
Se nos dá no santo altar
Cada dia.

Filho da Virgem Maria
Que Deus Padre cá mandou
E por nós na cruz passou
Crua morte.

E para que nos conforte
Se deixou no Sacramento
Para dar-nos com aumento
Sua graça.

Esta divina fogaça
É manjar de lutadores,
Galardão de vencedores
Esforçados.

Deleite de enamorados
Que com o gosto deste pão
Deixem a deleitarão
Transitória.

Quem quiser haver vitória
Do falso contentamento,
Goste deste sacramento
Divinal.

Ele dá vida imortal,
Este mata toda fome,
Porque nele Deus é homem
Se contêm.

É fonte de todo bem
Da qual quem bem se embebeda
Não tenha medo de queda
Do pecado.

Oh! que divino bocado
Que tem todos os sabores,
Vindes, pobres pecadores,
A comer.

Não tendes de que temer
Senão de vossos pecados;
Se forem bem confessados,
Isso basta.

Que este manjar tudo gasta,
Porque é fogo gastador,
Que com seu divino ardor
Tudo abrasa.

É pão dos filhos de casa
Com que sempre se sustentam
E virtudes acrescentam
De contino.

Todo al é desatino
Se não comer tal vianda,
Com que a alma sempre anda
Satisfeita.

Este manjar aproveita
Para vícios arrancar
E virtudes arraigar
Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas,
Que se não podem contar,
Mas bem se podem gostar
De quem ama.

Sua graça se derrama
Nos devotos corações
E os enche de benções
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas
De vosso divino amor!
Ó meu Deus e meu Senhor
Humanado!

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos ofende?!
Quem vos ata, quem vos prende
Com tais nós?!

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino
Sem o vosso ser divino,
Se mudar.

Para vosso amor plantar
Dentro em nosso coração
Achastes tal invenção
De manjar,

Em o qual nosso padar
Acha gostos diferentes
Debaixo dos acidentes
Escondidos.

Uns são todos incendidos
Do fogo de vosso amor,
Outros cheios de temor
Filial,

Outros com o celestial
Lume deste sacramento
Alcançam conhecimento
De quem são,

Outros sentem compaixão
De seu Deus que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quis sofrer.

E desejam de morrer
Por amor de seu amado,
Vivendo sem ter cuidado
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida
Que é o sumo de todo bem,
Ai de nós que nos detém
Que buscamos!

Como não nos enfrascamos
Nos deleites deste Pão
Com que o nosso coração
Tem fartura.

Se buscarmos formosura
Nele está toda metida,
Se queremos achar vida,
Esta é.

Aqui se refina a fé,
Pois debaixo do que vemos,
Estar Deus e homem cremos
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,
Pois na terra nos é dado
Quanto lá nos céus guardado
Nos está.

A caridade que lá
Há de ser aperfeiçoada,
Deste pão é confirmada
Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,
Ele dá perseverança,
Pão da bem-aventurança,
Pão de glória.

Deixado para memória
Da morte do Redentor,
Testemunho de Seu amor
Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,
Oh menino de Belém,
Oh Jesus todo meu Bem,
Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,
Meu amigo, meu irmão,
Centro do meu coração,
Deus e Pai.

Pois com entranhas de Mãe
Quereis de mim ser comido,
Roubai todo meu sentido
Para vós

Prendei-me com fortes nós,
Iesu, filho de Deus vivo,
pois que sou vosso cativo,
que comprastes

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quisestes
Padecer.

Morra eu, por que viver
Vós possais dentro de mim;
Ganha-me, pois me perdi
Em amar-me.

Pois que para incorporar-me
E mudar-me em vós de todo,
Com um tão divino modo
Me mudais.

Quando na minha alma entraís
É dela fazeis sacrário,
De vós mesmo é relicário
Que vos guarda.

Enquanto a presença tarda
De vosso divino rosto,
O saboroso e doce gosto
Deste pão

Seja minha refeição
E todo o meu apetite,
Seja gracioso convite
De minha alma.

Ar fresco de minha calma,
Fogo de minha frieza,
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo.

Mitigador do desejo
Com que a vós suspiro, e gemo,
Esperança do que temo
De perder.

Pois não vivo sem comer,
Como a vós, em vós vivendo,
Vivo em vós, a vós comendo,
Doce amor.

Comendo de tal penhor,
Nela tenha minha parte,
E depois de vós me farte
Com vos ver.

Amém.

2. ANÁLISE

Oh que pão, oh que comida,
Oh que divino manjar

Se nos dá no santo altar
Cada dia.

Aqui, José de Anchieta já faz referência ao pão, que, segundo a Bíblia, é uma comida sagrada. Ainda diz que o pão deve ser comido em um lugar santificado, no caso, o altar.

Filho da Virgem Maria
Que Deus Padre cá mandou
E por nós na cruz passou
Crua morte.

Filho da Virgem Maria – Jesus. Aqui, é uma referência ao ato sagrado de Jesus (seu sacrifício em prol da humanidade)

E para que nos conforte
Se deixou no Sacramento
Para dar-nos com aumento
Sua graça.

Jesus aqui então deixou algo para dar-nos sua graça.

Esta divina fogaça
É manjar de lutadores,
Galardão de vencedores
Esforçados.

”Divina fogaça” - Pão, alimento sagrado da Bíblia. E este pão será comido por aqueles lutadores vencedores esforçados.

Deleite de enamorados
Que com o gosto deste pão
Deixem a deleitarão
Transitória.

Depois de comer este pão eles vão poder alcançar o céu, uma boa vida.

Quem quiser haver vitória
Do falso contentamento,
Goste deste sacramento
Divinal.

Quem quiser superar esta falsa ilusão de felicidade, que deleite este sacramento (referência ao pão, novamente) divino.

Ele dá vida imortal,
Este mata toda fome,
Porque nele Deus é homem
Se contêm.

Este pão mata toda fome, dá vida imortal.

É fonte de todo bem
Da qual quem bem se embebeda
Não tenha medo de queda
Do pecado.

Novamente o pão é tratado como divino. Ele pode colocar o indivíduo mais próximo de Jesus e Deus.

Oh! que divino bocado
Que tem todos os sabores,
Vindes, pobres pecadores,
A comer.

Ele se refere aos índios como ‘pobres pecadores’, e ele convida estes para comer o pão divino.

Não tendes de que temer
Senão de vossos pecados;

Se forem bem confessados,
Isso basta.

Se os pecados forem confessados (pecados = não serem católicos e não seguirem a religião cristã), tudo bem.

Que este manjar tudo gasta,
Porque é fogo gastador,
Que com seu divino ardor
Tudo abrasa.

Manjar o pão vai abrasar os pecados, seria como uma espécie de perdão.

É pão dos filhos de casa
Com que sempre se sustentam
E virtudes acrescentam
De contino.

Todo al é desatino
Se não comer tal vianda,
Com que a alma sempre anda
Satisfeita.

Este manjar aproveita
Para vícios arrancar
E virtudes arraigar
Nas entranhas.

Três estrofes onde ele tenta caracterizar e divinizar o pão, mais uma vez. O pão arranca vícios, adiciona virtudes, é a salvação do homem.

Suas graças são tamanhas,
Que se não podem contar,
Mas bem se podem gostar

De quem ama.

Sua graça se derrama
Nos devotos corações
E os enche de benções
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas
De vosso divino amor!
Ó meu Deus e meu Senhor
Humanado!

Três estrofes em relação às graças de Deus e Jesus Cristo, indicando que segui-los é o caminho para a salvação, para o amor e para a benção divina.

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos ofende?!
Quem vos ata, quem vos prende
Com tais nós?!

O questionamento do padre em relação ao motivo dos índios seguirem um caminho contrário ao cristianismo.

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino
Sem o vosso ser divino,
Se mudar.

Para vosso amor plantar
Dentro em nosso coração
Achastes tal invenção
De manjar,

Para colocar dentro do humano o amor, Deus “inventou” algo para que o humano manjasse.

Em o qual nosso padar
Acha gostos diferentes
Debaixo dos acidentes
Escondidos.

Uns são todos incendidos
Do fogo de vosso amor,
Outros cheios de temor
Filial,

Outros com o celestial
Lume deste sacramento
Alcançam conhecimento
De quem são,

Outros sentem compaixão
De seu Deus que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quis sofrer.

Longa sequência de estrofes para dizer aos índios que com este sacramento, será dado conhecimento, amor, a compaixão de Cristo, a salvação.

E desejam de morrer
Por amor de seu amado,
Vivendo sem ter cuidado
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida
Que é o sumo de todo bem,
Ai de nós que nos detém

Que buscamos!

Como não nos enfrascamos
Nos deleites deste Pão
Com que o nosso coração
Tem fartura.

Se buscarmos formosura
Nele está toda metida,
Se queremos achar vida,
Esta é.

O pão é a vida, é a comida sagrada dada por Cristo, onde está contida toda a graça de Deus, e se queremos achar a salvação e a vida, no pão acharemos.

Aqui se refina a fé,
Pois debaixo do que vemos,
Estar Deus e homem cremos
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,
Pois na terra nos é dado
Quanto lá nos céus guardado
Nos está.

É necessário fazer algo com algo que nos é dado, pois assim seremos salvos e entraremos em contato com o reino de Deus.

A caridade que lá
Há de ser aperfeiçoada,
Deste pão é confirmada
Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,

Ele dá perseverança,
Pão da bem-aventurança,
Pão de glória.

Assim como nas primeiras estrofes, aqui há uma colocação sobre como o pão é divino e salva os indivíduos. Ele dá perseverança.

Deixado para memória
Da morte do Redentor,
Testemunho de Seu amor
Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,
Oh menino de Belém,
Oh Jesus todo meu Bem,
Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,
Meu amigo, meu irmão,
Centro do meu coração,
Deus e Pai.

Adoração à Jesus Cristo.

Pois com entranhas de Mãe
Quereis de mim ser comido,
Roubai todo meu sentido
Para vós

Prendei-me com fortes nós,
Iesu, filho de Deus vivo,
pois que sou vosso cativo,
que comprastes

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quisestes
Padecer.

Novamente adoração à Jesus Cristo, aqui contando um pouco de sua história, do seu sacrifício pela sua humanidade e como o Padre se tornou devoto à ele.

Morra eu, por que viver
Vós possais dentro de mim;
Ganha-me, pois me perdi
Em amar-me.

Pois que para incorporar-me
E mudar-me em vós de todo,
Com um tão divino modo
Me mudais.

É praticamente um pedido para que Jesus Cristo salve-o e mude-o.

Quando na minha alma entraís
É dela fazeis sacrário,
De vós mesmo é relicário
Que vos guarda.

Enquanto a presença tarda
De vosso divino rosto,
O saboroso e doce gosto
Deste pão

Seja minha refeição
E todo o meu apetite,
Seja gracioso convite
De minha alma.

Comer o pão é se aproximar de Jesus Cristo, é como se suprisse a ausência física de Jesus Cristo. Ele pede para que o pão seja como Jesus entrando em sua alma.

Ar fresco de minha calma,
Fogo de minha frieza,
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo.

Mitigador do desejo
Com que a vós suspiro, e gemo,
Esperança do que temo
De perder.

Pois não vivo sem comer,
Como a vós, em vós vivendo,
Vivo em vós, a vós comendo,
Doce amor.

Comendo de tal penhor,
Nela tenha minha parte,
E depois de vós me farte
Com vos ver.

Amém.

Ele dedica as últimas estrofes para explicar a necessidade de comer o pão para se aproximar de Jesus Cristo. O pão seria como um fragmento físico que Jesus deixou para que se aproximássemos do reino de Deus.